



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE ARQUINO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LAIANE STEPHANIE SILVA NASCIMENTO

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE NO CONTEXTO
ESCOLAR “PÓS PANDEMIA”: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS
PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ARARUNA-PB**

**GUARABIRA
2022**

LAIANE STEPHANIE SILVA NASCIMENTO

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR “PÓS PANDEMIA”: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ARARUNA-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado Coordenação/ Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia e Educação.

Orientador: Prof.^a Ma. Joana Dar’k Costa

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N543p Nascimento, Laiane Stephanie Silva.

O processo de ensino-aprendizagem e a afetividade no contexto escolar "pós pandemia" [manuscrito] : uma análise da percepção dos professores da rede pública do município de Araruna-PB / Laiane Stephanie Silva Nascimento. - 2022.

47 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Joana Dar'K Costa , Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Ensino-Aprendizagem. 2. Afetividade. 3. Pandemia. 4. Professor-Aluno. I. Título

21. ed. CDD 370

LAIANE STEPHANIE SILVA NASCIMENTO

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE NO CONTEXTO
ESCOLAR "PÓS PANDEMIA": UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS
PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ARARUNA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação/
Departamento de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduanda em Pedagogia.

Aprovada em: 25/11/2022.

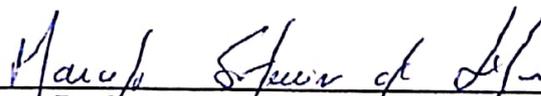
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Ma. Joana Dar'k Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Ma. Ana Raquel de Oliveira França
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que me sustentou nos momentos mais difíceis, e não me deixou desistir.

À minha mãe pelo incentivo diário e pelo amor que me guiou até o final.

A minha orientadora, por fazer esse trabalho possível, por seu apoio e compreensão durante todo o trajeto.

Dedico a vocês minha conquista e gratidão!

AGRADECIMENTOS

A minha amada mãe, Lourdes que me ajudou incansavelmente dando apoio, força e coragem. Por meio de seus conselhos valiosos, contribuiu para que nos dias difíceis a sabedoria fosse minha guia, sem seu amor e compreensão incondicional não seria possível concluir essa etapa. Minha gratidão por ser meu porto seguro e minha luz.

Ao meu avô, Antônio (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força e me incentivando a continuar. Gostaria que tivesse aqui nesse momento para nos alegrar com sua fé e energia contagiante.

A minha avó, Maria das Graça e as minhas tias Luiza, Aparecida e Maria José, pela compreensão com minha preocupação diária e minha falta de tempo. Aos meus tios Genival, José e Edmilson pelos conselhos em todas as horas e pelo apoio em busca do meu sonho.

A minha madrinha, Francisca (*in memoriam*), por sempre acreditar em mim e me incentivar a fazer esse curso. Seus conselhos amáveis e, sua força em viver me fizeram ver que por mais obstáculos que tenhamos na vida devemos seguir com fé e esperança que a tempestade vai passar e dias melhores virão.

A minha orientadora, Joana Dar'k Costa, por acreditar e me incentivar para que eu pudesse chegar ao término desse trabalho, sem sua perseverança não teria concluído este trabalho. Eu agradeço pelo acolhimento, paciência, compreensão e apoio enquanto orientadora. Todo meu amor e gratidão por seus conselhos, paciência, compreensão e leveza. Professores como você me fazem ter esperança que a educação é o caminho para humanizar e mudar nossa realidade.

As amigas Ane Caroline, Alana Kelly e Zulmira Augusto, por estarem sempre presentes nos momentos de risos e choros que passamos ao longo desses cinco anos, sendo minhas companheiras diárias para me dar forças e coragem para prosseguir, nossa amizade foi o combustível que me ajudou e me fortaleceu a chegar até o final dessa etapa com esperança.

A todos os professores/as do Centro de Humanidades, pela mediação de conhecimentos e por serem tão abertos ao diálogo com os estudantes, minha gratidão.

Aos professores(as) da rede Estadual de Ensino do município Araruna- PB, que contribuíram para a realização desse estudo.

Aos professores(as) Ana Raquel e Marcelo Saturnino, por terem aceito o convite de participarem da minha banca de defesa, gratidão pela disponibilidade e contribuições ao nosso estudo.

A todos e todas que contribuíram de maneira direta e indireta para minha formação, minha gratidão.

“Percebo que se fosse estável, prudente e estático, viveria na morte. Portanto, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais, porque esse é o preço que estou disposto a pagar por uma vida fluida, rica e excitante”

Carl Rogers

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar o processo de aprendizagem e as interações na sala de aula presencial no contexto “pós pandemia” de uma escola pública estadual do município de Araruna -PB. Nossa pretensão foi identificar também a importância da afetividade no processo de aprendizagem; apresentar como tem sido o envolvimento dos alunos nas aulas presenciais e conhecer as principais diferenças das interações afetivas entre professor e aluno no ensino presencial e remoto. Para fundamentar esse estudo utilizamos como aporte a abordagem teórica de Carl Rogers, em especial suas elaborações acerca do processo de aprender, a importância da afetividade, das interações e das condições facilitadoras para se criar um ambiente favorável ao processo de ensino-aprendizagem. Em relação aos procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada com roteiro previamente elaborado. Foram entrevistados seis professores que trabalham na escola estadual do município de Araruna – PB. Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin. Nas análises das entrevistas vimos que os professores e alunos enfrentaram muitas dificuldades e desafios no período do ensino remoto, assim como no processo de retorno ao ensino presencial. Uma das questões mais sinalizadas pelos professores diz respeito a relação professor e aluno e as implicações na aprendizagem. Podemos inferir que no ensino remoto as aulas eram centradas no professor e com raras participações e interações dos alunos. No retorno ao ensino presencial as relações no início pareciam apáticas e os alunos com comportamentos de inquietude, desatenção e indiferença em relação aos conteúdos. Vimos também que há por parte dos professores um desejo de criar uma atmosfera diferente em sala de aula, eles tentam criar estratégias que possam despertar o interesse pelos conteúdos trabalhados. Tentam minimizar os efeitos negativos do ensino remoto, abrindo possibilidades de uma sala de aula que sintonize com o contexto e faça sentido a vida dos alunos.

Palavras-Chave: Ensino-Aprendizagem. Afetividade. Pandemia. Professor-Aluno.

ABSTRACT

The present work has as a general goal to analyze the learning process and interactions in the presential classroom in the context of a state pandemic state school of Araruna-PB county. Our pretension was also identifying the importance of affectivity in the learning process; to introduce how it has been the involvement of students in presential classes and knowing the main differences between teacher and student in presential teaching. To fundamentate this study we use as apport to Carl Rogers' theoretical approach, especially its elaborations about the process of learning, the importance of affectivity, of interactions and facilitating conditions to create a favourable environment to the teaching process. In relation to methodological procedures, we use the library research and the semi-structured interview with previously elaborated script. Six teachers were interviewed at the state school of Araruna County - PB. The data collected were analyzed based on Bardin's content analysis. In the interview analysis we saw that teachers and students faced many difficulties and challenges in the remote teaching period, as well as in the process of returning to the presential teaching. One of the most signed questions by the teachers concerns the relationship teacher and student and implications in learning. We can infer that in remote teaching classes were centered on the professor and with rare participations and interactions of students. In returning to the presential teaching relations at first seemed apathetic and students with unsettling behaviour, disability and indifference to contents. We also saw that there are also on the teachers' part a desire to create a different atmosphere in classroom, they try to create strategies that can awaken interest in the work contents. They try to minimize the negative effects of remote teaching, opening possibilities of a classroom that tune in with context and make sense of the lives of students.

Keywords: Teaching-Learning. Affectivity. Pandemic. Teacher-Student.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	NAS VEREDAS DA APRENDIZAGEM	14
2.1	CARL ROGERS E A APRENDIZAGEM: “LIBERDADE PARA APRENDER”	16
2.2	RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: AS CONDIÇÕES FACILITADORAS DA APRENDIZAGEM.....	20
3	O CAMINHO PERCORRIDO	25
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
4.1	“COMO SERÁ O AMANHÃ, RESPONDA QUEM SOUBER”: OS LIMITES E DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NO CONTEXTO PANDÊMICO	28
4.2	AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: “QUANDO SOU OUVIDO, TORNO-ME CAPAZ DE REVER O MEU MUNDO E CONTINUAR”.	30
4.3	OS DESAFIOS NO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL: “SEM CORRER RISCOS NÃO ESTAMOS VIVENDO, APENAS EXISTINDO”	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	43
	APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido	44

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 ocasionou uma crise sem precedentes, impondo um novo ritmo de vida para a humanidade. Com as medidas de distanciamento social e proteção individual como o uso de máscaras, muitos deixaram de se locomover a seus locais de trabalho e passaram a desenvolver suas atividades de forma remota; famílias passaram a conviver diariamente e conflitos surgiram no núcleo familiar. Assim, novas demandas foram sendo impostas para os seres humanos com implicações em seu modo de vida, saúde, trabalho e educação.

O campo educacional também foi impactado. Inicialmente, as aulas foram suspensas e as escolas, assim como outras instituições entraram em quarentena. A educação e o sistema escolar foram repensados para atenderem as novas demandas. Com o avanço e proliferação do vírus, os gestores, docentes e técnicos tiveram que pensar em estratégias de funcionamento das escolas, viabilizando o ensino remoto, atividades via WhatsApp ou vídeos para garantir o processo ensino-aprendizagem.

No contexto brasileiro, ao longo do ano de 2020 algumas escolas migraram para o ensino remoto com o uso das tecnologias digitais e surgiram inúmeras dificuldades: a infraestrutura das casas de professores e estudantes; as limitações de acesso à internet e a falta de equipamentos necessários; a insegurança e receio dos professores na realização de atividades online; saturação e cansaço dos estudantes pelo tempo exaustivo de exposição a tela.

Com essa reorganização da escola, o processo de ensino-aprendizagem sofreu um forte impacto de forma que tem sido alvo de debates e reflexões por autores das áreas de Educação, Psicologia e Sociologia. Diante da realidade pandêmica as relações entre discentes e docentes tiveram que ser repensadas. As aulas online de certo modo parecem que interferiram negativamente na relação professor-aluno. As aulas ficavam restritas a fala do professor que parecia estar sozinho diante da tela e raramente tinha participação dos alunos. Neste contexto perguntamos: como aprender de forma isolada diante de uma tela (às vezes mini-tela) sem interação com colegas e professores, sem afeto, sem movimentos, em um espaço que parecia não ter vida? Para o teórico Henri Wallon (2007) no processo de aprender não há como dissociar as dimensões afetivas-cognitivas e motoras.

Uma outra questão relevante na época do ensino remoto diz respeito as condições de trabalho dos professores, que exigiram demandas diferentes e alterações abruptas

da rotina do trabalho. Muitos professores, não tinham conhecimentos acerca dos manejos com as ferramentas tecnológicas de ensino, e por isso tiveram que fazer esforços e reunir sua criatividade para construir novos meios de aprendizagem enfrentando desafios. Os alunos, precisaram adaptar-se ao meio online como espaço virtual de aprendizagem e buscaram atribuir novos sentidos ao cotidiano escolar.

Sendo assim, não tendo mais a sala de aula como espaço de aprendizagem, vivência e convivência, a casa passou a funcionar como o ambiente apropriado (naquele momento) para a produção do conhecimento e desenvolvimento do sujeito em sua integralidade. Como vimos anteriormente, nesse processo as relações humanas foram impactadas pelo distanciamento físico que o momento impunha. Conforme sinaliza Papalia & Olds (2000) a escola propicia uma experiência organizadora relevante na vida de grande parte dos alunos. Ela abre espaço para construir conhecimentos, adquirir informações, desenvolver novas habilidades e aprimorar habilidades adquiridas no processo de formação. Além disso, a escola viabiliza a participação nos esportes, na cultura, nas artes e em outras atividades, permitindo a ampliação e aprofundamento da dimensão intelectual e dos laços afetivos a partir das relações com professores, colegas e demais membros da comunidade escolar.

O contexto pandêmico mudou o cenário escolar e de certa forma pode ter interferido negativamente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento das habilidades citadas anteriormente. Ao refletir acerca desse cenário e com base em observações do cenário educativo pós pandemia, como estudante de licenciatura em pedagogia surgiu o interesse em investigar o processo de aprendizagem dos alunos e interações em sala de aula do ensino médio de uma escola estadual de Araruna-PB, ao retornarem as aulas presenciais no contexto pós pandemia.

Assim na tentativa de colaborar para ampliação dos estudos no pós-pandemia e aprofundamento dessa temática é que justificamos a relevância dessa pesquisa que tem o objetivo de analisar o processo de aprendizagem e as interações na sala de aula presencial no contexto pós pandemia da rede pública estadual do município de Araruna -PB. Neste sentido elegemos as seguintes questões norteadoras: como está sendo o aprendizado e as interações em sala de aula com o retorno das aulas presenciais? Houve mudanças no modo de vivenciar a sala de aula após a experiência da aulas remotas?

Pretendemos também identificar a contribuição da afetividade no processo de aprendizagem; apresentar como tem sido o envolvimento dos alunos nas aulas presenciais, conhecer as principais diferenças das interações afetivas entre professor e aluno no ensino presencial e remoto.

Para fundamentar esse estudo utilizamos como aporte a abordagem teórica de Carl Rogers (1972), (1983), (1997) acerca do processo de aprender, a importância da afetividade, das interações e das condições facilitadoras para se criar um ambiente favorável ao processo de ensino aprendizagem.

Em relação a metodologia, trata-se de um estudo de caráter qualitativo, exploratório. Como procedimento metodológico utilizamos entrevista semiestruturada com roteiro previamente elaborado. Entrevistamos seis professores do sexo masculino e feminino de uma escola da Escola Estadual no município de Araruna – PB. As entrevistas foram transcritas e analisadas a luz da abordagem teórica rogeriana e recorreremos a análise de conteúdo de Bardin (2011) para nos debruçarmos sobre a temática do processo de aprendizagem no contexto pós-pandêmico.

Do ponto de vista estrutural, esse estudo está organizado em três capítulos que se desdobram da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos o aporte teórico que fundamenta esse estudo. Inicialmente, temos uma discussão sobre o conceito de aprendizagem com base na concepção de Paulo Freire, Vygotsky e Rogers. Em seguida abordamos a educação e as relações professores e alunos a partir da abordagem humanista de Carl Rogers. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia que orientou nosso estudo, retratando o caminho percorrido em todas as etapas da investigação.

No terceiro capítulo, analisamos os dados coletados da nossa pesquisa de campo, onde procuramos analisar a contribuição da afetividade no processo de aprendizagem; descrever como tem sido o envolvimento dos alunos nas aulas presenciais e conhecer as principais diferenças das interações em sala de aula no formato virtual e presencial.

2 NAS VEREDAS DA APRENDIZAGEM

A escola tem um significado primordial para o aluno em sua formação e dependendo de como o ambiente escolar é estruturado pode-se aprender, desenvolver habilidades e ter uma formação integral em um espaço considerado saudável e prazeroso. Vygotsky, segundo Rego (2001), sinaliza que a escola favorece aos alunos um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu cotidiano e as suas vivências subjetivas. Neste sentido, cria oportunidade que tenham acesso ao conhecimento científico, ao patrimônio cultural construído e acumulado pela humanidade. Para ele, o aprendizado escolar exerce uma significativa influência no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (capacidade de planejamento, concentração, controle voluntário do comportamento, dentre outros) justamente na fase em que eles estão em amadurecimento.

Com base no enunciado, podemos pensar que um dos modelos de escola que pode favorecer o desenvolvimento de habilidades, o processo de construção do conhecimento e o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade é o centrado na pessoa conforme defende Rogers (1972) pois engloba todas as dimensões do ser humano.

De acordo com Nunes (2009) aprender vem da palavra *aprehendere* e, quer dizer agarrar, pegar e apropriar. Desse modo, o processo de aprendizagem é pensado como uma apropriação do conhecimento, de habilidades e informações relacionando-se com mudança e ampliação de vivências que o indivíduo faz dentro de uma determinada cultura. Assim, aprender pressupõe a possibilidade de algo novo incluído dentro da realidade e, suscita a concepção que ninguém aprende pelo outro e nem da mesma forma tendo em vista que cada ser humano por ser singular tem um tempo e um ritmo próprio para aprender.

Paulo Freire (2019) defende a aprendizagem como uma mediação de saberes entre alunos e professores, pois “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2019, p. 25). Assim, o professor deve criar estratégias que possam despertar o interesse de seus alunos para o conteúdo que será trabalhado em sala de aula e dessa forma, o ensino-aprendizagem será mais produtivo. O professor também deve criar um espaço de convivência educativa, ao mesmo tempo que seja acolhedor, seja rico em conteúdo. Seu papel deve ser de orientador, de mediador que apresenta o conteúdo de forma problematizadora,

desafiadora para que os alunos possam trilhar o caminho de construir a aprendizagem.

Essa concepção de aprendizagem, tenta desconstruir a ideia do discente como um mero receptor de conhecimentos colocando-o como protagonista e sujeito do seu processo de aprender. O que se percebe na educação básica brasileira conforme salienta Libâneo (1992) é uma tendência a ter o professor como centro do processo e aluno como um coadjuvante, e a metodologia empregada nas escolas consiste em estratégias de ensino que propiciam a memorização e não o ato de aprender.

Rogers (1997) enfatiza que o processo de aprendizagem está centrado na pessoa e na sua capacidade de crescimento e constante mudança. Engloba os três tipos de aprendizagem (cognitiva, afetiva e psicomotora) e vê o aluno como pessoa e a facilitação da aprendizagem como propósito da educação. Por isso, elenca princípios que tornam essa aprendizagem significativa como: os seres humanos tem uma capacidade natural para aprender, pois são curiosos sobre o mundo a sua volta. E essa aprendizagem significativa de Rogers, segundo Piletti (2015) acontece quando percebe que pode autorrealizar-se ou atingir um objetivo próprio. Além de perceber que, quando a aprendizagem envolve transformação do seu “eu”, por causas externas pode acontecer uma resistência a este tipo de aprendizagem. Entretanto, caso as ameaças externas sejam reduzidas ao mínimo, a aprendizagem pode prosseguir pois quando o aluno se sente seguro no ambiente envolve-se no processo de aprender.

Na abordagem rogeriana, o aluno comprometido como um todo na experiência de aprender, é colocado em contato com os problemas reais para ele tomar decisões sobre qual caminho irá seguir, uma vez que com a responsabilidade irá fazer julgamentos de si tornando-se independente e com uma aprendizagem potencializada. Assim, o aluno conforme destaca Rogers (1972) vai conseguir ter uma aprendizagem autoiniciada e que abrange todas as esferas. Imerso nesse processo sabe que aprendizagem é *sua* despertando elementos como a criatividade e autoconfiança, pois a avaliação dos outros é subsidiária. Nesse meio educa-se para a liberdade e para a construção de sujeitos autônomos, criativos e autocríticos visando um ambiente de mudança constante, tendo em vista que vivemos em um mundo marcado pela renovação e abertos a constante busca por conhecimentos.

2.1 CARL ROGERS E A APRENDIZAGEM: “LIBERDADE PARA APRENDER”

Carl Ransom Rogers (1902-1987) foi um psicólogo teórico humanista e nasceu em Oak Park (Chicago). Foi educado numa família unida e conservadora, onde reinava uma atmosfera religiosa e moral muito estrita e intransigente. Seus pais mantinham uma constante preocupação com o bem estar dos seis filhos, por isso controlavam o comportamento de todos de maneira discreta e afetuosa.

Rogers, segundo Wood (1997), até um certo ponto da vida, seguia os valores e os princípios religiosos da família, rompendo posteriormente com determinadas crenças, após enveredar pelos caminhos da psicologia. Em sua vida acadêmica, após passar pelos cursos de agricultura e história, encontrou-se na psicologia porque sempre foi interessado por questões tais como: o sentido da vida e sobre o processo de crescimento e realização dos seres humanos.

Como psicólogo, durante muitos anos, seu interesse profissional era restrito a psicologia clínica e psicoterapia. A partir de estudos relacionados à sua experiência clínica, elaborou e desenvolveu a Abordagem Centrada na Pessoa. Segundo Wood (2010) a Abordagem Centrada na Pessoa não é uma teoria, uma terapia, um método científico do trabalho (pois não possui método ou técnica instantânea), uma psicologia, uma tradição. É apenas uma abordagem. “É simplesmente um jeito de ser” (WOOD, 2010, p.3).

Dessa forma ser centrado na pessoa é muito mais uma questão de atitude do que lançar mão de um conjunto de técnicas previamente preparadas. A valoração da experiência do conhecimento obtido através de uma vivência total e orgânica do ser, em contraposição ao conhecimento puramente intelectual é uma das características centrais da abordagem.

Rogers (1983) destaca em sua abordagem o conceito de tendência atualizante ou tendência a autorrealização que se constitui a pedra fundamental da Abordagem Centrada na Pessoa. Essa tendência pode ser definida como sendo uma capacidade inerente a todo organismo para desenvolver-se de modo a favorecer sua conservação, reprodução e crescimento. Enquanto potencial esta tendência está presente em todos os organismos vivos. Nas palavras de Rogers:

Quer falemos de uma flor ou de um carvalho, de uma minhoca ou de um belo pássaro, de uma maçã ou de pessoa, creio que estaremos certos ao reconhecimento que a vida é um processo ativo e não

passivo. Pouco importa que o estímulo venha de dentro ou de fora, pouco importa que o ambiente seja favorável ou desfavorável. Em qualquer uma dessas condições, os comportamentos de um organismo estão sempre voltados para sua manutenção, seu crescimento, sua reprodução. Essa é a própria natureza do processo que chamamos vida. (ROGERS, 1983, p. 40)

A busca pela autorrealização é o que faz nós nos movermos enquanto seres humanos, pois a vida é um processo constante de evolução de nossos potenciais dos mais simples aos mais complexos. Assim, a práxis da Abordagem Centrada na Pessoa está alicerçada na confiança e no respeito pelo ser humano, no sentido de que possui uma capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de solucionar seus problemas alcançando satisfação para seu funcionamento adequado (WOOD, 2010).

A abordagem teórica de Rogers, não se limitou a psicologia clínica, mas foi ampliada para diversos campos, em especial, o campo educacional. Com base na tendência à realização, a educação de base humanística rogeriana, considera o aluno como pessoa. Uma pessoa com liberdade para fazer escolhas em cada situação. “O importante é a sua autorrealização. O ensino deve facilitar a autorrealização, o crescimento pessoal.” (MOREIRA, 2017, p.138). Ele defende que o ambiente escolar seja um espaço saudável e prazeroso que favoreça o desenvolvimento da formação integral do aluno e construção de conhecimentos.

Nessa perspectiva Rogers (1983) disserta que a construção de um sistema escolar democrático, não será possível se vivemos um sistema de ensino rígido e autoritário. Sistema em que os discentes não são considerados como sujeitos autônomos com capacidade de escolha e de tomar suas próprias decisões. Sujeitos que apenas cumprem ordens sem questioná-la, impossibilitando-os de criar condições necessárias para desenvolverem-se.

Nessa concepção de educação é fundamental que os alunos tenham a liberdade para tomar decisões e de agir com responsabilidade sobre os saberes que estão aprendendo. É pensar a educação para atender as necessidades dos educandos e não da classe dominante. Entretanto, analisando a proposta educacional de Rogers, podemos dizer que na nossa realidade, vivenciamos ainda uma escola e profissionais que ensinam de maneira tradicional e que desconsideram o aluno como sujeito de sua história e sua aprendizagem.

A escola, na concepção rogeriana, deve oferecer condições para a independência, responsabilidade e determinação dos educandos através de propostas que ofereçam a esses alunos ideias que desperte interesse, produzindo rupturas no paradigma que coloca o aluno como um receptor passivo de informações e o transforme em agente e sujeito do seu saber. Com esse intuito, essa abordagem explicita que aprendizagem significativa é quando entramos em contato com os problemas, ou seja, experimentando-os e trazendo alterações para vida o sujeito, é uma aprendizagem que vai além do cognitivo e que não quer acumular conhecimentos, mas sim transformar as atitudes do indivíduo, fazendo-o compreender a realidade e ter autenticidade para tomar decisões. (ROGERS, 1972)

Em relação ao ato de aprender Rogers (1997) esclarece que a psicoterapia pode auxiliar no processo de aprendizagem, pois quando nos deparamos com um problema e não conseguimos resolver é nesse momento que estamos prontos para aprender.

Em nossa cultura, tentamos isolar o estudante de todo e qualquer problema real da vida, o que constitui um perigo. É evidente que, se quisermos que os estudantes aprendam a ser pessoas livres e responsáveis, temos de nos dispor a confrontá-los com a vida, a deixá-los enfrentar os problemas. (ROGERS, 1972, p. 130)

O enfrentamento do problema é o início para a aprendizagem. Nessa mesma linha de pensamento, Cunha (2002) afirma que o teórico Jean Piaget defendia que sem conflitos (entre o sujeito do conhecimento e um objeto desconhecido) não há aprendizagem. Outro ponto importante é que a aprendizagem resulta da necessidade mais o desejo de aprender. Nesse sentido, o conhecimento tem que ter um sentido, um significado, despertando a motivação dos alunos. Se o professor lança desafios e questões problematizadoras, o interesse do aluno será genuíno. Dessa forma, temos uma aprendizagem que tem sentido, significado e sintoniza com a sua realidade, seus desejos, seus sonhos.

Por outro lado, outro aspecto importante para a aprendizagem segundo Rogers (1972) é criar na sala um ambiente de acolhimento, já que o aluno se sentirá à vontade para se expressar e mostrar suas fragilidades. O papel desse ambiente é reconhecer o erro como parte do processo e possibilitar a aprendizagem também a partir dos erros. A perspectiva rogeriana, permite que o aluno erre e não seja punido pelos erros

e sim que possa aprender errando. É nesse movimento de ver onde se errou e não se culpar que o aluno percebe sua liberdade para aprender.

Rogers (1997) também coloca o aluno como protagonista no processo de aprendizagem, como um ser responsável e empático pelo próprio conhecimento em que o professor é um facilitador do processo e o aluno participa, interage e coloca em pauta suas opiniões. O professor deve auxiliar seus alunos nas dúvidas e indagações problematizando, e favorecendo a construção de conhecimentos. Através de recursos que estejam disponíveis para o aluno utilizar, não só recursos acadêmicos formais como livros, equipamentos e espaços, mas também recursos humanos como o próprio professor, colocando seu saber e sua experiência para ajudar os alunos na construção da sua aprendizagem.

Temos uma diferença entre a aprendizagem autogerida e a convencional. Na convencional temos um sistema que Rogers considera adormecedora da curiosidade e que não amplia o leque de possibilidades dos alunos encontrarem seu próprio meio de aprender, uma vez que não há desenvolvimento de ações pedagógicas que impulsionem sua independência e sim, respostas prontas e conteúdos formais que estão longe dos seus objetivos. De acordo com Rogers (1972, p. 136) “A prática educacional corrente tende, sem dúvida, a tornar as crianças menos autônomas e menos empíricas, na sua busca do conhecimento e da compreensão, enquanto passam pelas diversas séries do ensino elementar.”

No decorrer dos anos, em sua vida escolar percebemos que os alunos se tornam dependentes da figura do professor para pensar e realizar simples atividades. É a partir desse momento que devemos reavaliar como está a aprendizagem e a prática pedagógica. Por isso, Rogers (1972) defende a aprendizagem autogerida, que por meio da experimentação de problemas, o indivíduo crie sua própria maneira de aprender e, cabe ao facilitador criar um ambiente receptivo, com assistência aos educandos para assim eles realizarem descobertas autônomas. Nessa aprendizagem a avaliação que cada um faz da sua própria aprendizagem é o que o torna responsável, uma vez que o sujeito tem de decidir quais critérios são importantes para si e quais objetivos almeja alcançar com essa aprendizagem.

2.2 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: AS CONDIÇÕES FACILITADORAS DA APRENDIZAGEM.

Carl Rogers (1972) em sua obra *Liberdade para aprender*, revela que é papel do professor oferecer as melhores condições, ou seja, ser um facilitador da aprendizagem, para os sujeitos buscarem uma autorrealização e nesse processo elenca alguns princípios considerados essenciais como: a aceitação positiva incondicional, empatia e congruência ou autenticidade.

Na aceitação positiva incondicional, o professor preocupa-se com seu aluno e aceita seus sentimentos seja eles maus ou bons, bem como todas suas características e colocando como uma pessoa única e em processo de aprender. Aqui, o aluno é despido de preconceitos e visto como um ser inacabado que está em evolução e precisa de meios que o aceitem como ele é, livre de opressão e que está em um ambiente que vai acolhê-lo, independente se ele domina um conteúdo ou sentimentos, se erra ou acerta, mas como um ser que está para partilhar saberes e ter instrumentos para ser autônomo.

Na empatia Rogers (1997) destaca a compreensão do mundo interno do estudante com seus desejos, sentimentos e aflições, mas ficando atento para não misturar seus sentimentos com o do aluno. É ser uma pessoa que também expressa seus sentimentos que entende o outro e se coloca no lugar do outro, mas sem confundir seu mundo com o do outro. É compreender o outro para assim conseguir dialogar com o que lhe causa frustração, felicidade e realizar uma intervenção na aprendizagem que o aluno pode se conectar. Imagine ir pra escola para aprender coisas que não tem sentido para sua vida, não encontrar clima que lhe faça permanecer e ainda não ser compreendido do porquê não está aprendendo e tendo um bom desempenho. Essa é uma das razões para pensarmos que a relação entre professores e alunos seja uma das principais ferramentas para o processo ensino-aprendizagem.

Na congruência professores/as e alunos/as devem ser coerentes com eles mesmos e com os outros, sendo seres autênticos e sem fingimentos. Pois, majoritariamente, no ambiente escolar o professor se blinda criando uma máscara rígida e acaba não se conectando com seus alunos de maneira positiva, no entanto não é para agir de maneira prepotente ou egoísta, mas mostra-se enquanto ser humano buscando ser compreendido e entender o outro.

Quando o facilitador é uma pessoa real, se se apresenta tal como é, entra em relação com o aprendiz, sem ostentar certa aparência ou fachada, tem muito mais probabilidade de ser eficiente. Isso significa que os sentimentos que experimenta estão ao seu alcance, estão disponíveis ao seu conhecimento, que ele é capaz de vive-los de fazer deles algo de si, e, eventualmente, de comunica-los. Significa que se encaminha para um encontro pessoal direto, com o aprendiz, encontrando-se com ele na base de pessoa-a-pessoa. (ROGERS, 1972, p. 106)

Com base nessas condições facilitadoras, podemos dizer que para estabelecer um ambiente propício ao aprendizado e a boa relação entre professores e alunos, é necessário ser genuíno, aceitar uns aos outros sem julgamento ou preconceito e saber se colocar no lugar do outro. Nessa perspectiva Rogers (1972), salienta que criar as condições convidativas a aprendizagem é mais que ministrar conteúdos formais, é fazer com que haja um vínculo com o discente de modo que essa atmosfera afetiva pode favorecer ou dificultar aprendizagem.

Quando se tem um ambiente hostil e severo, os discentes tendem a ser reprimidos e perdem a vontade de se expressarem, aumentando sua ansiedade e diminuindo sua percepção e conseqüentemente sua aprendizagem, criatividade e produção intelectual levando a ter uma perda de confiança no seu eu e não acreditando na sua capacidade. Segundo Rogers (1972), o ser humano vive em constante processo de construção e quando se convive num ambiente marcado pela rigidez e inflexibilidade, produziremos subjetividades com afetos represados, em que predomina o medo de se expor, de criar, aprender e de desenvolver habilidades por medo de cometer erros, ser punido e tolhido do processo de crescimento orgânico.

Já em um ambiente favorável, os alunos são apoiados, livres de censura e trabalham de maneira descontraída e focam no seu crescimento confiante em sua capacidade, acreditando que são capazes e vendo os erros e falhas como uma possibilidade de superar o que não está dando certo. É um ambiente marcado pela emancipação do sujeito em falar sua opinião, usar a criatividade, imaginação, expressar seus sentimentos e crescer enquanto pessoa.

Enquanto um sujeito facilitador Rogers (1972) coloca alguns pontos marcantes como aceitar contrariedades e diversidades que podem surgir da convivência com o grupo, permitindo ouvir as observações desse grupo e propor a criação de clima para a aprendizagem com as opiniões individuais e coletivas do grupo. É ouvir cada um respeitando o direito de expressar-se e, fazer entender que podemos conviver com as divergências nas convicções, não havendo um único objetivo a ser alcançado. Pois é a partir do diálogo e na saudável discordância com o outro que se consegue expandir

suas ideias e criar uma aprendizagem baseada no respeito e na liberdade. Para isso, organiza os recursos necessários como textos, materiais, equipamentos de som e imagem, apoio psicológicos para seu crescimento como indivíduo. Não desconsiderando a si mesmo como um recurso, pois estar à disposição para sanar dúvidas, dar conselhos de experiências próprias e fazer-se um meio de acessível a seus alunos é fundamental para que a facilitação aconteça.

Sendo um facilitador autêntico, tem um espaço para atender as demandas do grupo em suas expressões emotivas e intelectuais, dialogando com temas metodológicos e conteúdos formais e assuntos pessoais em oportunidades de compreender o outro. Conforme Rogers salienta: “Quando se estabelece o clima de receptividade, em aula, o facilitador está apto a se tornar, progressivamente, um aprendiz-participante, um membro do grupo, exprimindo suas opiniões como as de um “entre outros indivíduos” (ROGERS, 1972, p. 160)

Dessa forma, tornando membro participante pode-se compartilhar sentimentos e ideias, de forma a não impor, mas representar uma figura companheira emitindo retornos positivos ou negativos em que os alunos não ficarão envergonhados por ter errado. Permanecendo vigilante a expressões de satisfação ou insatisfação, prestando atenção a como pode auxiliar nessa última a ser compreendida para firmarem um relacionamento baseado no respeito e confiança mútua entre os membros do grupo.

Contudo, ao ser um facilitador, também tem limitações e mostra-las faz parte do seu ser.

Dá-se conta de que só pode proporcionar liberdade a seus alunos na medida em que se sente confortável ao dar esta liberdade. Só pode ser compreensivo na medida em que deseja realmente entrar em comunhão com o mundo interior dos seus alunos. Pode “partilhar-se” apenas na medida em que se sente relativamente em condições de correr este risco. Só se integra, no grupo, como membro, quando sente, de fato, que ele e seus alunos se acham em situação de igualdade, como aprendizes. (ROGERS, 1972, p. 161)

Pois enquanto sujeitos inacabados vai ter ressentimento, incompreensão e frustração, mas é nesse momento que deve ser capaz de expressar-se aos alunos para criar um ambiente dialógico para debater atitudes e meios que não estão funcionando, e ver quais estão e o que precisa aperfeiçoar para assim torna-se novamente um facilitador da aprendizagem que está em constante reflexão com sua prática. Uma vez que, enquanto tivermos buscando melhorar nossa tendência natural

a autorrealização nos tornamos sujeitos que contribuem para que a educação mude as pessoas e provoque nelas uma vontade de seguir buscando sua liberdade.

Piletti (2015) ao discorrer sobre a abordagem rogeriana, expressa que nossa sociedade é marcada pela dinamicidade, o ser humano moderno está em constante evolução e a educação tem que fazer esse mesmo movimento, pois não tem como uma educação tradicional e rígida ensinar a liberdade, a fluidez e agenciar transformações. Assim, Rogers usa o termo “aprender a aprender”, que é aprender a buscar o conhecimento para ter segurança. Sendo, sobretudo nessas atitudes de autenticidade, aceitação e empatia da relação professor e aluno que a facilitação da aprendizagem acontece.

Enquanto facilitador que põe os alunos em contato com a experiência de um mundo de realidade, e, portanto, o ensino é considerado como um processo de interação entre professor e aluno. Rogers (1972) considera que, a interação professor-aluno, é guiada para a promoção da autorrealização do aluno sendo o objetivo que esses devem seguir para crescer como seres humanos e desenvolver um conjunto de potencialidades pleno e completo. A facilitação da aprendizagem é um processo de ajuda que é dado a um aluno para envolvê-lo ativamente no seu próprio processo de aprender. Desse modo, temos uma abordagem marcada pela humanização da educação que busca compreender o sujeito por meio do diálogo e assim, chegar a uma atmosfera acolhedora marcada pela liberdade.

Logo, Zumring (2010) afirma que a facilitação está nas qualidades atitudinais do relacionamento interpessoal do facilitador e aluno, pois o relacionamento de confiança que se estabelece em sala torna a aprendizagem rica de significados.

Quando facilitador cria, mesmo em um grau modesto, um clima de sala de aula caracterizado por tudo que ele pode conseguir de autenticidade, apreço e empatia, quando confia na tendência construtiva do indivíduo e do grupo, descobre então que inaugurou uma revolução educacional. Ocorre uma aprendizagem de qualidade diferente, avançando no ritmo diferente, com grau maior de abrangência. Os sentimentos - positivos, negativos, confusos - torna-se parte da experiência da sala de aula. Aprendizagem se transforma em vida, numa vida até mesmo muito viva. O estudante acha-se no caminho, às vezes excitadamente, às vezes relutantemente, de tornasse um ser em mudança, de aprender. (ZUMRING, 2010, p. 55).

Portanto, quando estabelecemos com um/a aluno/a uma atmosfera marcada pela confiança na sua capacidade e na sua responsabilidade com seu aprendizado, desenvolvemos as condições propícias para que a educação seja um instrumento de aceitação dos indivíduos como eles são, mostrando-nos empáticos com seus

sentimentos e de mudança por meio da busca contínua por aprender, pois movemo-nos como seres humanos em busca de sempre alcançarmos uma autorrealização desabrochando a imaginação, a criatividade, a liberdade e a plenitude do ser.

3 O CAMINHO PERCORRIDO

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de caráter qualitativo, pois compreendemos que estamos analisando a relação entre sujeitos, nesse caso, professores e alunos na sala de aula presencial no contexto pós pandemia e as implicações no processo de aprendizagem.

A pesquisa qualitativa observa e analisa o objeto de estudo, logo observar-se de modo minucioso os comportamentos individual e coletivo, tanto político como econômico para examinarmos a realidade de forma verídica, não omitindo ou deixando passar nenhum fato.

A análise qualitativa depende de muitos fatores, como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Podemos, entretanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório. (PRODANOV, 2013, p. 113).

Diante disso, com nosso objeto de estudo definido e objetivos delineados, traçamos um percurso metodológico a ser seguido para investigar o tema estudado, bem como a coleta e análise dos dados. Partimos, primeiramente, para uma pesquisa bibliográfica da temática escolhida: a aprendizagem e a relação professor (a) aluno(a). A pesquisa foi feita em livros e artigos científicos de Carl Rogers e também de autores que se debruçaram sobre os estudos desse teórico, além de usarmos Paulo Freire para nos ajudar a aprofundar e melhor compreender o tema abordado.

Logo, a pesquisa bibliográfica nos deu subsídios necessários para uma aproximação com a teoria e com o decorrer das leituras ampliamos nosso conhecimento sobre as concepções de aprendizagem, a importância da relação professor e aluno e de como criar condições favoráveis em sala de aula que possibilite o desenvolvimento das capacidades e potencialidades dos alunos, respeitando suas escolhas e incentivando sua autonomia como sujeito da aprendizagem e da sua história de vida. Com base nas leituras e reflexões sobre o tema escolhido, partimos para a segunda etapa desse estudo: a pesquisa de campo.

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Targino Pereira, localizada na Rua Padre Targino Sobrinho, N 149-217-Centro, Araruna -PB. O primeiro contato com a escola foi por através dos gestores. Eles foram acolhedores e solícitos com a realização da pesquisa e possibilitou a

acesso as informações da escola como número de alunos e quadro de docentes. Essa escola foi escolhida, pois era próxima ao centro da cidade e também por ser a única com um quadro de docentes completos e com ampla experiência no magistério.

Após o contato, partimos para a realização das entrevistas. A escolha dos profissionais se deu de acordo com o horário que eles estavam disponíveis na sala dos professores. Os contatos foram realizados de forma presencial com três idas a escola em dias distintos nos horários da manhã, tarde e noite. Nos primeiros contatos fizemos a apresentação do projeto de pesquisa e pedimos a grata colaboração para participação do estudo.

Como instrumento metodológico utilizou-se entrevistas individuais de caráter semiestruturado com dez perguntas abertas. A princípio alguns profissionais do turno da tarde mostraram uma resistência para gravar as entrevistas, pois eles só queriam responder de forma escrita. Após refletirmos com eles, conseguimos êxito de modo que desses apenas um professor não aceitou e quis responder as questões de forma escrita. Nos turnos da manhã e noite, os profissionais aceitaram gravar as entrevistas e colhemos cinco entrevistas gravadas. Foram entrevistados seis professores e professoras, quatro do sexo masculino e duas do sexo feminino, com média de idade variando entre 20 e 40 anos, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Targino Pereira em Araruna -PB.

Em relação a escola, vimos que apresenta boas condições de funcionamento, com estrutura física adequada com seis salas de aula, pátio amplo, cantina, banheiros, sala da gestão, sala da secretária, sala dos professores/as e biblioteca. E atende a comunidade escolar do centro da cidade do nível fundamental II e Médio, nos turnos da manhã e tarde fundamental e médio e a noite somente nível médio. Os participantes dessa pesquisa são professores com experiência diversificada: há docentes com um ano, dez anos e trinta anos de trabalho em sala de aula.

Ficamos em campo cerca de três semanas, as duas últimas de agosto e a primeira de setembro tentando realizar as entrevistas e as gravações. Buscamos respeitar os sujeitos na sua forma de participarem, eles assinaram um termo de livre consentimento (em anexo) e foi garantido sigilo em relação as suas identidades. Para preservar a individualidade dos entrevistados, atribuímos códigos fictícios a eles e cada um durante as análises aparecerão da seguinte forma: P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

Como mencionado, a resistência de alguns professores em gravar sua participação acabou fazendo com que uma entrevista fosse respondida de forma

escrita e cinco de forma de áudio com duração entre 15 a 30 minutos. Percebemos no decorrer da pesquisa, que eles se sentiram à vontade e explicitaram seus sentimentos e temores em relação ao período transitório do presencial para o remoto e também, do momento pandêmico e o retorno ao presencial.

A pesquisa de campo suscitou o contato com a realidade do docente no cotidiano escolar e as implicações da pandemia no processo ensino-aprendizagem e para as interações em sala de aula. Desse modo, percebemos a primordialidade de aprofundarmos a reflexão sobre as relações interpessoais e aprendizagem no cenário pós-pandemia. Com isso, após a coleta de dados, partimos para as análises e discussões consoante que apresentaremos a seguir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 “COMO SERÁ O AMANHÃ, RESPONDA QUEM SOUBER”: OS LIMITES E DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NO CONTEXTO PANDÊMICO

O coronavírus, matou mais de 688 mil pessoas no Brasil, segundo o Ministério da Saúde. Esses dados nos revelam a letalidade da doença e como afetou diretamente todas as pessoas, o vírus não escolhe classe social nem etnia e, prejudicou todos os setores como saúde, trabalho, a economia e a educação. A educação foi afetada diretamente em seu cerne do processo de ensino e aprendizagem de forma abrupta e repentina. E passar por essa pandemia alterou significativamente o mundo que vivemos, por isso voltar para o ensino presencial tem sido um desafio para os alunos, professores, gestores e técnicos que compõem o setor educacional. Desse modo, nosso estudo foi centrado atualidade do ano de 2022. O objetivo foi analisar a aprendizagem e as interações entre alunos e professores no retorno as aulas presenciais no pós-pandemia do ensino médio da rede pública estadual do município de Araruna – PB.

A partir do contato com a escola e os professores, realizando visitas e entrevistas pudemos trazer a percepção dos professores sobre como foi o retorno ao ensino presencial, as mudanças que ocorreram e como está se processando a aprendizagem depois desse período convivendo com o coronavírus. Percebemos que a escola, no período pandêmico, foi marcada por mudanças em relação ao ensino-aprendizagem, provocadas de maneira repentina pela reorganização do ambiente de sala de aula e pelos desafios a serem enfrentados. Os professores esforçaram-se para superar os obstáculos, reinventando a prática pedagógica durante a pandemia e também no processo de retorno ao ensino presencial, em um momento tão atípico.

Observamos nos depoimentos dos entrevistados que houve muito desgaste pela forma de trabalho durante a pandemia, pois muitos não tinham conhecimento e qualificação tecnológica para utilizar os meios digitais nas aulas remotas. Essa falta de proximidade com a tecnologia é oriunda de anos anteriores, pois não utilizavam essa ferramenta de trabalho, assim conheciam o básico para registrar algumas aulas ou para fazer isso pessoal. Mediante a necessidade de adentrar nas plataformas digitais utilizando-as como ferramentas de trabalho, surgiram sentimentos como medo e insegurança, pois tiveram que “aprender fazendo” no meio da pandemia e as

capacitações ocorridas eram insuficientes para dominar as ferramentas tecnológicas. Conforme afirmam nos depoimentos a seguir:

Ah esse período foi de muita ruptura, muita ruptura, muito problema eu passei por apuros psicológicos, eu entrei em parafuso. Eu parei o mestrado porque eu não conseguia mais trabalhar para a escola e nem pro mestrado e... ficava com medo do que poderia acontecer e, ... a pandemia incutiu em nós um medo muito elementar que é o medo de morrer e isso de um ponto de vista muito particular e pessoal. Do profissional começou a ser exigido que fizéssemos uma coisa sem a gente ter os instrumentos para fazer, então você vai dá aula remota a partir do que? Bom, vamos definir o que é aula remota, síncrona e assíncrona como é esse negócio, em que plataforma e em que instrumento, e... a relação com o aluno como é que vai acontecer? e ainda está sendo definido porque até hoje não tem uma definição do que é aula remota, síncrona e assíncrona porque tudo foi construído rapidamente e não houve o esforço e suporte necessário para que isso fosse resolvido, foi feito porque tinha que ser feito, mas aqui no Brasil não procuraram a melhor forma. (P2, 2022)

Na medida que tiveram que superar esses desafios e ministrar suas aulas de forma virtual, tiveram que lidar com a doença e morte de familiares ou pessoas próximas e ainda entender a realidade de seus alunos. Observamos no decorrer dos depoimentos que a relação e professor aluno nesse período foi uma das questões mais afetadas no âmbito escolar. Os professores relatam que se sentiam sozinhos na sala virtual pois na grande maioria dos casos não existia interação e o professor se percebia como “repassador de informações”:

A pandemia foi um caso atípico porque impediu que nós tivéssemos uma relação mais próxima, ficou uma relação muito numa ideia do ensino à distância e como o próprio nome já diz, era tudo à distância então essa relação foi muito pouco proveitosa, porque a gente sabe que cada aluno tem uma realidade diferente, tem uma forma de aprender diferente então nós não tínhamos como sondar na pandemia da mesma forma como nós sondamos agora, vendo cada um com sua dificuldade, cada um com seus problemas. Eu me sentia um repassador de informações sem ter retorno. (P6, 2022)

Durante a pandemia eu não gostei, porque a gente ficou com aulas remotas e turmas com 25 alunos só entravam 5 e o resto não entravam e muitos não ligavam as câmeras e a gente tava dando aula para ninguém e perguntava: você tá entendendo? E daqui a meia hora era que você tinha uma resposta, ou seja, a gente percebia que eles não estavam nem aí. Daí tinha dois que respondiam as perguntas e os outros três não interagiam então, a gente via que eles só ligavam o computador e deixavam lá, não tava tendo um aprendizado e aquilo me desmotivou demais, pois era dar uma aula para ninguém, para uma tela escura que não aparecia ninguém. (P4, 2022)

Nesse sentido, voltar ao presencial parece ter sido um alívio e ao mesmo tempo um novo desafio para os docentes, uma vez que manter a atenção e interesse de seus

alunos em sala demanda refletir sobre sua prática dentro da atualidade e trazer inovações para a escola. O professor precisa olhar a realidade do aluno conforme expressa Freire (2019) respeitando os saberes vindos dos alunos e buscar trazer para a sala esses assuntos para ajudá-lo a entender os conteúdos que possam transformar a si mesmo e o mundo em que vive. Nessa mesma linha de pensamento, Rogers, defende que o ensino seja centrado no aluno (diferentemente do ensino remoto que ficou centrado na figura do professor) e que a atmosfera da sala de aula coloque o aluno como protagonista do seu processo de aprender. O teórico também ressalta que é necessário confiar na potencialidade do aluno para aprender, deixando-o livre para manifestar seus sentimentos, escolher seus caminhos, formular seus próprios problemas e vivenciar as consequências de suas escolhas. (MOREIRA, 2017).

4.2 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: “QUANDO SOU OUVIDO, TORNO-ME CAPAZ DE REVER O MEU MUNDO E CONTINUAR”.

Após a pandemia, acentuou a necessidade da comunidade geral, professores e alunos de serem ouvidos e compreendidos, pois todos foram afetados psicologicamente pelo isolamento social. As perdas de vidas familiares, amigos e conhecidos trouxe à tona o medo e insegurança sobre como seria o amanhã. Desse modo, com o retorno das aulas presenciais depois de um longo período de isolamento, os professores expressaram a vontade de estar juntos dos alunos e buscar saber como foi esse período. Após ter encerrado a entrevista a P4 abordou-nos ainda na sala que estava acontecendo as entrevistas e disse que essa pandemia suscitou esse olhar mais sensível para os alunos, olhar que parecia estar adormecido antes, pois para ela criar um ambiente harmônico e livre tornou-se sua principal motivação de exercer sua profissão. Ela explicitou que a pandemia produziu impactos, mas também trouxe reflexão sobre toda sua vida e o questionamento sobre como pode melhorar as condições para o aluno aprender mais.

Para Rogers (1997) o professor deve ser um facilitador da aprendizagem e por isso, criar um clima saudável e favorável em sala para que isso aconteça. Observamos nos depoimentos como os professores estabelecem as relações interpessoais com seus alunos e destacam a importância dessa interação em suas aulas. Podemos supor que o período de ensino remoto afetou negativamente as relações em sala de aula, e por isso pode ter suscitado nos docentes uma reflexão acerca da importância

das interações como ferramenta indispensável ao processo ensino-aprendizagem e para formação integral dos discentes, conforme aponta os depoimentos: “Eu acho que a relação entre professor e aluno é importante para estreitar o laço de proximidade para que ele tenha mais confiança.” (P5, 2022). Os outros entrevistados também falam que estabelecer essa conexão com seus alunos influencia diretamente no processo de aprendizagem “[...] no que diz respeito à aprendizagem uma boa relação professor e aluno traz benefícios para a vida do estudante dentro e fora da escola.” (P1, 2022); “[...]se você se posicionar de uma forma amigável e compreensiva com paciência e mostrando preocupação com o aprendizado do aluno, se você passar isso ao seu aluno com certeza as notas e o aprendizado serão bem maiores.” (P4, 2022).

Analisando esses depoimentos com base na Abordagem Centrada na Pessoa, recorreremos a Rogers (1972) quando afirma que a construção de um bom relacionamento na sala de aula ocorre a partir das condições facilitadoras como a empatia que consiste na capacidade de mergulhar na realidade do seu aluno, compreendendo-o, sem querer avaliá-lo ou julgá-lo. Essa compreensão sobre o outro, colocando-o como ser livre para expressar seus sentimentos e, favorece o crescimento, desenvolvimento de habilidades e libertação de amarras e medos existentes. O depoimento de um entrevistado segue essa linha de pensamento:

No meu ponto de vista me aproximo deles para entrar no mundo deles para ver o que é que eu posso extrair e trabalhar dentro disso para que tenha uma boa aprendizagem. Você tem que mergulhar, porque se o professor não tiver no mundo dele então não vai acontecer aprendizagem (P6, 2022)

E, isso implica diretamente em termos um professor autêntico, despido de máscaras, agindo de forma congruente sendo uma pessoa real para seus alunos. Ao mesmo tempo tenta aceitar e valorizar seu aluno como um ser humano em construção com muitas potencialidades a serem desenvolvidas de modo que ele se sinta acolhido e não julgado (ROGERS 1972).

Por outro lado, caso essas relações em sala sejam desfavoráveis teremos uma aprendizagem marcadas por frustrações e conflitos como relatam os docentes: “Ah são tantas possibilidades de ter em sala um clima desagradável, começo a pensar no estudante com falta de gana e vontade de aprender influenciando como nos relacionamos em sala como um todo.” (P2, 2022) e “Bom, quando temos um aluno que não se abre para relação interpessoal na sala de aula o resultado em grande parte

é nota baixa, falta de compreensão e a participação não sendo produtiva.” (P5, 2022) além de, “É um fator de aprendizagem baixo então, naturalmente a gente vê uma relação de notas mais baixa. A gente percebe que o aluno ele vai ter não a simpatia muito boa pela disciplina então, ele não vai gostar.” (P6, 2022). Compreendemos a partir de Rogers (1972) que o aluno se sente motivado a aprender, quando percebe que o conteúdo faz sentido e é relevante para alcançar seus próprios objetivos.

Neste sentido, quando existe esse afastamento ou uma condição não convidativa observamos um distanciamento entre alunos e professores e também da escola, pois para os alunos não há sentido em ir para um local que não o compreende, que seus erros são julgados e no final seu aprendizado é medido por exames classificatórios.

E os professores acabam tornando sua didática monótona e sem entusiasmo para exercer sua profissão, pois o fator humano de interação de saberes, discussão de ideias e potencialização de habilidades está prejudicado com esse ambiente desfavorável. Mas, tentar reconstruir essa relação para obter um aprendizado significativo, principalmente no retorno do período pandêmico não vem sendo fácil

E, a coisa está de reconstruir a relação com os estudantes, aqui na escola tem alunos que eu estou dando aula no 1 ano do ensino médio que eu dei aula no 6 ano do ensino fundamental, bem antes da pandemia. Eu saí daqui com um bando de meninas e meninos e estão agora moças e rapazes e a relação é diferente, parece que eu não conheço mais essas pessoas e é estranho ter essa percepção e aos poucos temos tentado construir essa relação de comunidade e... repensar os valores da comunidade escolar. (P2, 2022)

É um processo de aceitação que o mundo que vivíamos mudou e por conseguinte mudamos juntos, já que durante esse período em casa passamos por conflitos, angustias e incertezas. Voltar a escola é deparar-se com novos rostos que apresentam uma realidade distinta da que conhecíamos e, é, portanto, abrir um espaço para entender essa comunidade escolar e pensar em ações pedagógicas que contemplem as demandas do momento atual. Pensando numa educação que faça sentido para a vida pois como nos diz Rogers (1972, p. 52) “Por aprendizagem significativa, entendo, aquilo que provoca profunda modificação no indivíduo. Ela é penetrante, e não se limita a um aumento de conhecimento, mas abrange todas as parcelas de sua existência”.

4.3 OS DESAFIOS NO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL: “SEM CORRER RISCOS NÃO ESTAMOS VIVENDO, APENAS EXISTINDO”

Perguntamos aos professores como eles estavam encarando o retorno das aulas pós pandemia, se teve mudanças ou não buscando destacar como tem sido o envolvimento e a aprendizagem dos alunos nas aulas presenciais e eles se expressaram da seguinte forma:

“No que diz respeito ao âmbito pedagógico e didático tá bem deficitário no quesito de conhecimento, hoje a gente está sentindo uma dificuldade gigante em dar um direcionamento para eles pela defasagem que houve na pandemia” (P5, 2022)

Em vários aspectos houve mudanças, o desempenho baixou de maneira assustadora assim como o empenho deles em sala de aula, a pandemia os deixou extremamente acomodados na realização de atividades e na participação não apenas em sala de aula, mas na escola como um todo. (P1, 2022)

Houve, primeiro, que houve teve esse distanciamento e a gente tá tentando recuperar essa proximidade que a gente perdeu e de certa forma até atrapalhou a nossa metodologia porque tivemos que readaptar as atividades e a forma como repassamos o conteúdo porque os alunos ficaram dispersos. (P3, 2022)

Houve mudanças sérias, de início eles não conseguiram ficar na sala de aula e pediram muito para ir ao banheiro, tomar água. E na sala de aula eles não se encontravam, eles ficavam muito dispersos era como se eles não tivessem mais acostumados aquele ambiente. Nosso desafio agora é trabalhar de uma forma em que eles não fiquem entediados, e por isso tivemos que trabalhar o nosso psicológico para oferecer esse apoio para eles. Até eles entenderem que aquilo dali era um retorno à normalidade e que eles iam ter que se acostumar. E teve um prejuízo muito grande na aprendizagem, porque tivemos que refazer os planejamentos e revisar vários assuntos que não foram dados de maneira correta, porque 1/4 desses alunos não entraram na sala de aula e não tiveram acesso a esses conteúdos durante a pandemia e nós não poderíamos reprová-los. Porque tínhamos que levar em consideração a condição financeira de cada um e, em muitas casas, havia um celular para 3 ou 4 filhos em horário de aula com séries diferentes e isso acarretou em um aprendizado muito deficiente. (P4, 2022)

Esses depoimentos revelam que o ensino remoto teve implicações negativas na vida psíquica e mental dos/as alunos/as, afetando a vida na escola e o aprendizado. Observamos que os professores tentam criar estratégias para criar vínculos afetivos com os alunos e favorecer o processo de ensino aprendizagem. É inegável que não podemos dissociar a questão emocional, psicológica e psicomotora do processo e deixar só a parte cognitiva. A aprendizagem é fenômeno

biopsicossocial envolve todas as dimensões da vida humana e, portanto, quando uma dimensão da vida é afetada, todas sofrem interferência.

Entretanto, um professor chamou atenção ao responder que

O aluno que existia antes da pandemia é o mesmo agora vou tentar explicar o que eu quero dizer com isso, essa pandemia mostrou que o papel do professor ele é insubstituível pois não tem como uma videoaula substituir integralmente o professor e os alunos viram isso porque a aprendizagem foi muito deficitária. Só que quando nós voltamos para a sala de aula, os alunos até se empolgaram, mas eu percebi aquela cultura ainda daquele aluno que não tem rotina de estudo, que não tem aquele perfil que de compromissos e responsabilidade que ele deve ter naturalmente, porque copiar e fazer os exercícios sem dedicar em casa não adianta. A gente sabe que o papel da aprendizagem é uma coisa que transcende o ambiente de sala de aula e vai para fora e na verdade eu vou ainda mais profundo um ambiente fora de sala de aula é talvez mais importante do que aqui dentro, aqui é o pontapé inicial ele vai dar continuidade em casa. Então voltou para aquele tradicional e o aluno vem pra escola, estuda na escola e acha que ali pronto terminou sendo que não é assim. (P6, 2022)

Evidenciando que a pandemia mostrou que a educação não se constrói sozinha na instituição escolar, é de suma importância a interação em sala para a construção do saber, mas para construir uma aprendizagem significativa defendida por Rogers (1997) o aluno só aprende, se o conteúdo tiver significados para sua vida e daí surge o desafio para a esse retorno ao presencial em que os professores buscam despertar em seus alunos esse interesse pelo que está sendo posto. O depoimento também sinaliza para outra questão importante, a aprendizagem não se restringe a sala de aula. Recorrendo ao conceito de tendência atualizante de Rogers (1983) vimos que há em todo ser humano uma energia, uma capacidade que impulsiona a busca pelo crescimento, desenvolvimento e para dá o melhor de si em todas as dimensões da vida. Partindo desse conceito, podemos supor que se o aluno em sala de aula não está buscando o crescimento via aprendizagem, há que se refletir sobre os fatores que estariam bloqueando esse processo de busca de crescimento.

Uma das questões relevantes de nossa entrevista com os/as professores/as, foi acerca da das diferenças entre o ensino remoto e o presencial. Os relatos a seguir retratam de forma substancial essas diferenças:

Tem diferenças, a interação é muito maior no ensino presencial porque tanto professor como aluno se sentem muito mais à vontade, a gente enxerga melhor as dificuldades e se estão se adaptando melhor a metodologia no presencial do que no remoto. (P3, 2022)

O ensino remoto acomodou os alunos, muitas vezes nem sentem que estão estudando isso quando assistem às aulas e o professor também não consegue analisar de fato a evolução do aluno uma vez que eles acabam escondendo suas dúvidas e no ensino presencial o professor consegue analisar melhor o comportamento e as reações dos alunos em sala de aula. (P1, 2022)

Hoje depois de muitas experiências começa a pensar na diferença entre o ensino remoto e presencial. O ensino remoto distância e ele silencia porque mesmo que estejamos numa sala, numa aula síncrona e a gente está ali com as pessoas não se falam tudo por não poder ficar $\frac{4}{5}$ horas na frente do computador e é diferente da relação presencial que podemos interagir e intervir de forma mais eficiente com as outras pessoas. Agora o ensino remoto dá oportunidades e abre janelas, pois posso fazer cursos e qualificações com várias pessoas de outros lugares. (P2, 2022)

Presencial é o que eu costumo dizer a eles é o olho no olho, e é muito diferente por que você está vendo ele, você nota na expressão do aluno se ele tá entendendo ou não, você vê se o aluno está prestando atenção ou não. É uma diferença enorme do remoto em que você fala sozinha para uma tela escura e sem ninguém de responder ou ver se tá aprendendo. (P4, 2022)

Primeiro porque o ensino remoto ele se limita a um ambiente virtual, distante muitas vezes do aluno e é limitado por uma tecnologia que muitos alunos não tem e tem sido um fator limitante. Eu percebo a distância que alunos que assistiram a aula, mas tinha outros alunos que não tinha nem pacote de dados, não tinha nem celular para assistir, como é que você dá aula remota sem ter o aparelho a distância? Então foi uma coisa implacável. O presencial mesmo tendo todas essas problemáticas que eu falei ainda se apresentou melhor do que o ensino a distância, o aluno quando voltou ele percebeu que funciona melhor do que a distância. Para você ver como não é só o uso da tecnologia que vai proporcionar a mudança na educação, o ensino da sala de aula ainda é um papel muito importante nesse processo. (P6, 2022)

Podemos perceber que mesmo com todas limitações e desafios, o ensino presencial mostrou-se mais eficaz que o remoto por primeiramente questões socioeconômicas, pois uma parcela da população brasileira ainda não tem acesso à internet por causa do alto custo e baixa qualidade de sinal. Em algumas áreas segundo apontam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 mais de 28,2 milhões de brasileiros, entre eles 3,6 milhões de estudantes, não tinham acesso à rede. Também o ensino remoto se tornou difícil para famílias que não tinham escolarização suficiente para ajudar os filhos/as nas atividades tornando-se inviável para os alunos/as conseguirem estudar nessas condições, além da casa não ser ambiente que flua o aprendizado. Além disso, no ensino presencial temos um ambiente propício com a interação entre colegas, o espaço adequado da escola que ajuda no desenvolvimento dos movimentos, gestos e expressões do nosso corpo, com a efervescência de ideias e discussões em sala e, uma figura de um professor que irá mediar e facilitar aquela aprendizagem com instrumentos mais eficazes.

Nessa pandemia ficou cada vez mais claro que o ensino presencial proporciona um ambiente apropriado para se aprender, pois é na observação atenta em sala que observa-se a aprendizagem dos alunos, bem diferente do ambiente de aprendizagem dele em casa. Por outro lado, é difícil imaginar um aprendizado enriquecedor se não temos espaço apropriado e ainda mais em um contexto pandêmico atravessado perdas de entes queridos e uma constante ameaça de contrair um vírus que pode ser letal. Importante destacar que, no decorrer das entrevistas os/as professores/as explicitavam que durante a pandemia alunos/as desistiram das aulas por ter perdido pai, mãe e avós para o vírus além de, discentes terem perdidos suas vidas para o coronavírus.

Desse modo, no retorno a sala de aula presencial vimos por parte dos docentes uma tentativa de se reconstruir e criar um ambiente em sala que seja marcado pela compreensão e um/a professor mais autêntico/a em sala, despido dessa fachada rígida sem querer aproximação. A interação humana, destaca-se na visão dos entrevistados, como um meio de construção da aprendizagem, pois quando nos relacionamos com o outro permitimos o diálogo aberto e livre de julgamentos teremos um aluno com instigado e responsável em aprender. Procuramos nos depoimentos dos professores melhorias para essa relação e conseqüentemente para aprendizagem

Acho que a partir do momento que o aluno se sente mais acolhido, mas a vontade para dizer o que ele não entendeu na sala de aula principalmente, na parte dos conteúdos. Ou que seja na própria aula ou naquele momento depois em que ele busca o professor e diz eu não entendi isso e o professor dá esse retorno para ele com certeza a relação flui muito melhor juntamente com o aprendizado. (P3, 2022)

Acho que tem muita coisa para se fazer, primeiro, nós professores temos que ter a compreensão mais profunda da realidade dos alunos e podia... deveríamos ensinar os alunos a aprender, a ter sempre iniciativa de aprender. Porque essa formação do ensino fundamental irá influenciar toda sua trajetória escolar, pois não tem como desenvolver habilidades complexas se não tenho domínio das mais básicas. Eu acho que essa relação professor e estudante está muito embasada nessa questão de orientá-lo para entender como ele pode aprender e como ele pode fazer uso desse conhecimento e isso é um desafio para mim enquanto professor de história, como é que eu vou dizer ao aluno que aquele conhecimento é útil para isso ou aquilo e qual a forma que eu vou fazer ele compreender isso, mas no final é ele, o aluno, que tem que dá essa significação ao conteúdo que estou falando. (P2, 2022)

Contudo para tornar essa escola justa e favorável ao aprendizado além das condições facilitadoras em sala de aula, é necessário também o apoio dos familiares,

pois eles são importantes na construção de sujeitos autônomos e desenvolvidos em sua integralidade. Nada adianta ser compreendido na escola, mas em casa ter um ambiente inflexível e repressor, suprimindo a liberdade e a criatividade. A ausência dos pais na participação da vida escolar dos filhos, foi uma outra questão elucidada pelos docentes:

Acredito que deve ser feita a reunião e conscientização dos pais da importância dele na vida do seu filho quanto à educação e ir na escola saber como seu filho está, se está participando das aulas, pois mudaria muito nossa relação em sala com eles. (P4, 2022)

A ausência dos pais, na escola como um todo, os pais apenas deixam os filhos irem para a escola e não se importam se de fato entram na escola. Eu acho que a participação dos pais ajudaria muito na relação do professor como aluno, assim como os pais ensinassem o respeito muitas vezes porque muitos alunos não respeitam os pais em casa e isso acaba refletindo na escola, eles pensam se meus pais não exigem isso de mim, quem é aquele professor para querer cobrar alguma coisa? Eu acho que é uma coisa que está enraizado na nossa sociedade, começa do nosso lar, acatando e respeitando os pais para poder respeitar em sala. (P1, 2022)

Se estamos dispostos a fazer uma educação renovadora que busque entender o sujeito, aceitando e sendo autêntico em nossas relações, a participação dos pais precisa ser repensada. Acreditamos que a educação requer a participação da comunidade escolar, gestores, técnicos, professores, alunos e familiares. É livrar-se do comodismo e fazer cada um fazer sua parte para que o sistema escolar evolua e as relações entre os personagens da escola cresçam e floresçam conforme a sociedade prospere.

Portanto, diante desses depoimentos percebemos desafios para desenvolver um aprendizado significativo no retorno as aulas presenciais nas escolas. Destacamos como a interação faz a diferença na aprendizagem e que por meio da aceitação incondicional, empatia e autenticidade, atitudes facilitadoras do processo aprendizagem (ROGERS, 1972), podemos melhorar o que não está fluindo da maneira esperada e esperar um futuro da educação em que todos possam aprender com liberdade de ser e de construir novos modos de andar a vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o processo de aprendizagem e as interações na sala de aula presencial no contexto pós pandemia da rede pública estadual do município de Araruna -PB. A construção desse estudo permitiu que refletíssemos acerca da necessidade favorecer ao aluno, o desenvolvimento de suas potencialidades a produção de conhecimentos que faça sentido em sua vida e a liberdade de ser. Conforme salienta Nunes (2009, p. 19) “aprender para nos construirmos como humanos e reconstruirmos a realidade apontando-lhe significados e, para contemplarmos várias dimensões da atividade humana”.

Pudemos perceber como as relações estabelecidas em sala entre professores/as e alunos/as tem forte influências na atmosfera da sala e no ato de aprender, principalmente após um longo período sem aulas presenciais em que o meio para interação foi a distância.

Com base na teoria humanista de Carl Rogers, fio condutor desse estudo, identificamos nos depoimentos dos/das entrevistadas que a prática da empatia, congruência e aceitação incondicional no âmbito educacional, produz benefícios que melhoram de maneira significativa a aprendizagem dos estudantes. Também evidenciamos como no contexto remoto da pandemia as interações eram marcadas pela ansiedade e incerteza sobre o que ia acontecer e, na volta ao presencial temos a reconstrução das relações e da aprendizagem buscando aceitar seus alunos a partir de uma escuta mais sensível na tentativa de minimizar os efeitos psicológicos e cognitivos produzidos na pandemia.

Apesar das condições precárias, os professores alimentam a esperança e dizem estar buscando criar novas estratégias de ensino que despertem o interesse dos alunos na sala de aula. Embora não tenham expressado de forma manifesta, parecem acreditar e ressoam o pensamento de Rogers sobre a visão positiva do ser humano e suas imensas possibilidades. Nas palavras do próprio Rogers (1983, p.38), “os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima possível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras”.

Ao finalizar esse estudo, consideramos que os objetivos foram alcançados tendo em vista que analisamos o processo ensino-aprendizagem, a relação professor-

aluno, a reinvenção da prática pedagógica, após o retorno ao ensino presencial no denominado período “pós pandemia”.

Contudo, é importante salientar que este trabalho certamente não deu conta de compreender todas as implicações do processo de aprendizagem e das interações em sala nesse processo de construir o caminho de volta as aulas presenciais. Mas abre possibilidades futuras que permitam ampliar o leque de discussão envolvendo as relações afetivas e aprendizagem em contextos específicos. A perspectiva é que todas as questões aqui problematizadas e debatidas possam ser elementos norteadores para novos estudos com abordagens teóricas diferenciadas acerca dessa temática.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretarias Estaduais de Saúde**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em: 15 de nov. de 2022.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.

DOS SANTOS, Fernanda Marsaro. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 60ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, Editora LCT, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 2017.

MOTA, Márcia Elia da. **Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica**. Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X200500020003&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 15 de nov. de 2022.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

PAPALIA, D. & OLDS, S. **Desenvolvimento Humano**. (D. Bueno, trad.) Porto Alegre: Artmed (trabalho original publicado em 1998),2000.

PILETTI, Nelson. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. 1. ed., 4 reimpressões. - São Paulo: Contexto, 2015.

PINHEIRO, M. N.; BATISTA, E. C. O ALUNO NO CENTRO DA APRENDIZAGEM: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE CARL ROGERS. **Revista Psicologia & Saberes**, [S. l.], v. 7, n. 8, p. 70–85, 2018. DOI: 10.3333/ps.v7i8.770. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/770>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia Do Trabalho Científico: Métodos E Técnicas Da Pesquisa E Do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva histórico-cultural da Educação**. 18ª ed, São Paulo: Editora Vozes, 2001.

ROGERS, Carl R. **Liberdade pra aprender**. 2ª ed. Minas Gerais: Interlivros, 1972.

ROGERS, Carl R. **Torna-se pessoa**. Tradução: Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU.1983

SILVA, Victor Hugo. Em 2021, 28 milhões de pessoas no Brasil não usaram a internet, diz IBGE. **GLOBO**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/09/16/em-2021-28-milhoes-de-pessoas-no-brasil-nao-usaram-a-internet-diz-ibge>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

SOUZA, Marcus Vinícius Linhares de; LOPES, Eduardo Simonini; SILVA, Lara Lúcia da. **Aprendizagem significativa na relação professor-aluno**. 2013.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WOOD, J. K. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida. 2010.

ZIMRING, F. **Carl Rogers**. Tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista



Universidade Estadual da Paraíba
Câmpus III - Centro de Humanidades
Departamento de Educação
Curso de Licenciatura em Pedagogia
Orientadora: Joana Dar'k Costa
Discente: Laiane Stephanie Silva Nascimento

Instrumento de coletas de dados

Entrevista com os professores

- 1- Qual a importância da relação professor aluno?
- 2 – Na sua percepção como deve ser a relação professor aluno?
- 3- Caso as relações em sala de aula sejam desfavoráveis, quais seriam as consequências?
- 4- Na sua concepção a relação professor aluno tem interferências no processo de aprendizagem?
- 5- Durante a pandemia como era essa relação entre professor e aluno?
- 6 - Como esta relação pós pandemia, como você avalia o retorno ao ensino presencial? Houve mudanças? Em que aspectos?
- 7 – Tem como você identificar quais as diferenças entre o ensino remoto e o ensino presencial em termos de interação em sala de aula, metodologia e aprendizagem?
- 8 – Na sua concepção qual a importância da participação dos pais e familiares na vida escolar dos filhos?

9. Como se estabelece as relações entre professores, gestores, técnicos e os outros funcionários da escola e qual a importância dessas interações?

10 - Que sugestões você teria para melhorar as relações professores e alunos nas escolas.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a), _____

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: o processo ensino-aprendizagem e a afetividade no contexto escolar pós pandemia: uma análise da percepção dos professores da rede pública do município de Araruna-PB. Sob a responsabilidade da orientanda Laiane Stephanie Silva Nascimento e da orientadora professora do Departamento de Educação do Campus III Joana Dar'k Costa, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

Esse projeto de pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de aprendizagem e as interações na sala de aula presencial no contexto pós pandemia da rede pública estadual do município de Araruna -PB, no período de retorno as aulas presenciais de 2022. A pretensão é cartografar os sentimentos, emoções, sensações, comportamento e percepções dos professores em relação ao pós pandemia e as implicações na aprendizagem. Buscaremos identificar também identificar a contribuição da afetividade no processo de aprendizagem; descrever como tem sido o envolvimento dos alunos nas aulas presenciais, conhecer as principais diferenças das interações afetivas entre professor e aluno no ensino presencial e remoto. Apenas com sua autorização realizaremos a coleta dos dados que será realizada através de entrevistas individuais de caráter semiestruturado com roteiro previamente elaborado e grupo focal.

Sabemos que a entrevista é uma ferramenta de coleta de dados que apresenta alguns riscos e desconfortos para os sujeitos participantes dentre os quais destacamos: Constrangimento ao responder as perguntas da entrevista, estresse ao ter que relatar

as vivências durante a pandemia, vergonha de interagir e receio da quebra de anonimato. Para minimizar os riscos e desconfortos, pensamos em realizar a entrevista em um espaço tranquilo, agradável e agirmos de forma que o participante se a vontade para relatar suas vivências sem medo de expor suas ideias, percepções e sentimento sobre o tema abordado.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com (responsável da pesquisa), através dos telefones (83) 996849299 e (83) 998098072 ou através dos e-mails: joanadc3@servidor.uepb.edu.br, ou do endereço: laiane.nascimento@aluno.uepb.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 3315 3373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br e da CONEP (quando pertinente).

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa O processo ensino-aprendizagem e a afetividade no contexto escolar pós pandemia: uma análise da percepção dos professores da rede pública do município de Araruna-PB. E ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

() DOU MEU CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

() AUTORIZO A GRAVAÇÃO DA MINHA VOZ

() NÃO AUTORIZO A GRAVAÇÃO DA MINHA VOZ

Guarabira, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador